



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

YNGRID DOS SANTOS RIBEIRO

**AVALIAR PARA QUÊ?
UM ESTUDO SOBRE AS CONCEPÇÕES DE PROFESSORES
DE CIÊNCIAS NATURAIS QUANTO A AVALIAÇÃO DA
APRENDIZAGEM**

**Planaltina - DF
Novembro de 2016.**



Universidade de Brasília

FACULDADE UnB PLANALTINA

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS NATURAIS

**AVALIAR PRA QUÊ?
UM ESTUDO SOBRE AS CONCEPÇÕES DE PROFESSORES
DE CIÊNCIAS NATURAIS QUANTO A AVALIAÇÃO DA
APRENDIZAGEM**

ALUNA: YNGRID DOS SANTOS RIBEIRO

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. ROSYLANE DORIS DE VASCONCELOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Licenciado do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Rosylane Doris de Vasconcelos.

Planaltina - DF

Novembro de 2016.

“O trabalho de avaliar a prática jamais deixa de acompanhá-la. A prática precisa de avaliação como os peixes precisam de água e a lavoura da chuva.” (FREIRE, 1989, p.47).

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que me apoiaram e estiveram ao meu lado durante todo esse processo de formação – que, embora não tenha sido fácil, foi muito prazeroso. Agradeço a Deus por ter aberto todas as portas e me dado forças para nunca desistir. Sem Ele eu não seria nada; à minha orientadora, Rosylane Vasconcelos, por estar ao meu lado e confiar a mim não só este trabalho, mas muitos outros projetos que exercemos juntas; ao meu marido, Sigmar Miranda, que sempre esteve comigo nos bons e maus momentos dessa jornada, que nunca deixou que eu desistisse e que foi o meu maior incentivador; a meus pais, minha “boadrasta” e meus irmãos que nunca deixaram de demonstrar o orgulho que sentem por mim. O apoio e o carinho de vocês foi muito importante durante essa jornada; às Crônicas – que foram, sem sombra de dúvidas, um presente que eu ganhei da UnB. Vocês fizeram com que essa jornada fosse muito mais fácil e divertida. Aprendi muito com cada um de vocês e espero continuar aprendendo; aos meus amigos do PET, do Eureka e do projeto de sexualidade, que engrandeceram a minha jornada e a minha vida, me fazendo aprender coisas que eu jamais aprenderia se não tivesse embarcado em cada um desses projetos; aos meus professores, não só da Universidade, mas aqueles da escola que me fizeram escolher essa profissão tão magnífica, especialmente ao professor Paulo Britto, as professoras Maria de Lourdes, Juliana Caixeta, Jeane Rotta e Rosylane Vasconcelos, que me ensinaram a amar essa profissão com todo o meu coração, e me fizeram querer ser sempre uma professora melhor; a todos os professores que disponibilizaram um pouco do seu tempo para me ajudar nesta pesquisa. Vocês foram essenciais, e fecharam com “chave de ouro” minha vontade de ser uma educadora; a todos os meus familiares e meus amigos da UnB – ou não –, obrigada a todos vocês por toda a força e apoio que me deram, por nunca terem desistido de mim e sempre estarem ao meu lado mesmo quando eu não estava totalmente presente na vida de vocês. Vocês fizeram e fazem a diferença na minha vida pessoal e profissional. Não tenho palavras para agradecer a todos vocês que engrandeceram minha vida com tanto aprendizado, com tanto amor por uma profissão tão desvalorizada, me mostrando que vale a pena amar a docência.

AVALIAR PRA QUÊ?

UM ESTUDO SOBRE AS CONCEPÇÕES DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS NATURAIS QUANTO A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Resumo:

O presente projeto de conclusão de curso buscou estudar o discurso e observar as práticas de professores de Ciências de cinco escolas de Planaltina-DF sobre a avaliação da aprendizagem, buscando compreender sua fundamentação teórica e seus desdobramentos didáticos na prática docente. O início desta pesquisa aconteceu durante uma disciplina de verão ofertada pela FUP (Currículo e Avaliação), cujo debate produziu inquietações e o desejo de aprofundar estudos, o que resultou neste trabalho. A metodologia, que se pretendeu qualitativa, articulou um estudo de caso, com a realização de entrevista semiestruturada, além da observação da escola para posterior análise crítica dos dados coletados. Compreendendo os dados coletados, foi perceptível, no discurso dos professores, que estes possuem uma ampla visão sobre a avaliação da aprendizagem, tendo a mesma como um processo de extrema importância e de grande dificuldade de execução, mostrando também a concepção de que a avaliação acompanha, auxilia e altera a prática docente, não podendo uma existir sem a outra. A vivência naquela prática educativa também demonstrou que o movimento da realidade, apesar dos avanços conquistados nos últimos anos, ainda tem muito que caminhar no sentido de uma prática dialógica que supere os moldes atuais.

PALAVRAS-CHAVE: avaliação da aprendizagem; ensino de Ciências; escola.

1. Introdução

Este trabalho teve como intuito estudar os discursos dos professores de Ciências sobre a temática da **avaliação da aprendizagem**. Tal conceito tornou-se algo erroneamente compreendido, pois a própria escola diz que professor bom é aquele que “puxa mais”, que tem certo respeito entre os alunos, mas esse respeito é confundido com o medo da forma como esse docente avalia. O processo de avaliação deveria ser mais um momento de aprendizagem tanto para o aluno como para o professor, sendo um processo de descoberta coletiva mediada pelo diálogo entre o educador e o educando (Romão 2011).

O conceito de avaliação vem sendo confundido inúmeras vezes com o conceito de verificação. Essa palavra, que faz uma grande diferença para o aluno, vem aparecendo diariamente nas falas dos professores das escolas atuais, pois se busca muito verificar aquilo que o aluno aprendeu e se esquece de observar aquilo que ele não aprendeu. Avaliar é diferente de verificar, é diferente de medir. Quando se avalia, o professor tem que ter como

propósito investigar a qualidade do desempenho dos seus discentes, para que assim possam ser feitas alterações em sua prática docente, se necessário, para melhorar esse desempenho.

Assim, quando falamos de avaliação, levamos em consideração os seus diferentes tipos e formas, assim como os vários recursos que podem ser utilizados para auxiliar na prática avaliativa do docente. A avaliação da aprendizagem é um processo complexo que requer um planejamento da parte do docente, sendo um meio para se chegar aos objetivos traçados pelo professor em seu planejamento e dando ao docente a oportunidade de rever a sua prática caso ela não esteja sendo significativa para os alunos. Luckesi (2005) *apud* Neto e Aquino (2009) dizem que a avaliação tem o papel de diagnosticar a situação da aprendizagem, tendo em vista subsidiar a tomada de decisões para a melhoria da qualidade do desempenho do educando. Nesse contexto, a avaliação é processual e dinâmica, dando oportunidades para que todos aprendam aquilo que é necessário para seu desenvolvimento.

Portanto, essa pesquisa teve como principal meta aprofundar o tema de avaliação da aprendizagem na escola, conhecendo melhor a prática de professores de Ciências e sua maneira de avaliar em sala de aula.

Com os resultados deste estudo pretendeu-se somar às pesquisas já realizadas na área de Ciências, e que procuram discutir como professores da área de ciências pensam e desenvolvem suas metodologias de avaliação. Pretendeu-se também saber se estes professores identificam-se com a “avaliação punitiva” ou já superaram esta visão, caminhando para uma avaliação mais dialógica e diagnóstica em seu discurso pedagógico.

2. Referencial Teórico

A prática da avaliação está presente em vários contextos sociais: em rodas de amigos, no trabalho, e na escola. O que diferencia as avaliações entre si é o contexto, o objetivo e sua finalidade.

Em um contexto escolar, encontram-se diferentes tipos de avaliação, com teores diferenciados, podendo adotar um tom classificatório, punitivo, certificatório, formativo, diagnóstico ou dialógico. Ao falar em avaliação, automaticamente vem à mente o conceito de medida, ou seja, para a maioria das pessoas e, infelizmente, dos docentes, a avaliação nada mais é do que uma unidade de medida. Sendo assim, a prioridade da avaliação é medir o conhecimento de seu aluno. Isto, entretanto, é um equívoco, pois segundo Vasconcellos:

A maior finalidade da avaliação é ajudar a escola a cumprir sua função social transformadora, ou seja, favorecer que os alunos possam aprender e se desenvolver, levando-se em conta o compromisso com a construção de uma sociedade mais justa e solidária. (VASCONCELLOS, 1998b, p.82)

O tema avaliação traz muitas concepções diferentes. Para muitos alunos, a avaliação é vista como um “bicho de sete cabeças” ou um monstro a ser derrotado. Jussara Hoffmann (2001) diz que, em uma de suas pesquisas sobre a avaliação, pediu para que os professores associassem a palavra avaliação com um personagem. Na grande maioria das vezes, os personagens escolhidos eram de monstros de várias cabeças, guilhotinas, corredores escuros, dragões e vários outros com o mesmo teor ou selecionavam personagens que representam elementos surpresa ou controle, como embrulho de presente e balanças, mostrando com isso que a visão da avaliação como um monstro não vem apenas dos alunos, mas também dos próprios professores (vide imagem 1).



(Imagem 1: Google imagens).

Acredita-se que o momento da avaliação é quando se deve provar que se sabe o conteúdo e na maioria das instituições de ensino, é justamente isso o que se deve fazer: provar aos professores, aos pais e aos colegas de sala de aula que se sabe. Essa concepção é impressa pelo professor, pois muitos docentes ainda usam a nota como uma ameaça, deixando claro para o aluno que se ele não tiver nota o suficiente ele reprovará, e o que passa a importar para os pais, para a escola e para os professores é a nota e não o aprendizado do aluno.

Segundo Vasconcellos,

Tem sua *lógica* a escola valorizar muito a nota e dar-lhe grande ênfase, pois, afinal, ela é o que de mais importante ali acontece. A escola *precisa* aumentar as exigências em relação às notas, para que os alunos valorizem e estudem mais... (VASCONCELLOS, 1998a, p. 21).

No contexto da “Lógica do absurdo”, escrita por Vasconcellos, temos uma crítica à necessidade da escola de aumentar suas exigências sobre a nota, justificando o fato de que a nota é o mais importante neste âmbito. Entretanto, esse não é o caso, pois quando se fala em instituições de ensino, o aspecto mais importante deve ser a aprendizagem do aluno.

Na lógica punitiva, a escola e os professores precisam da avaliação para medir seus desempenhos. Para, então, serem classificados como bons professores, é necessário que os seus alunos tenham uma boa nota, o que se repete com a escola. Para ser uma boa escola, todos os seus alunos devem tirar somente “SS” ou “10” em todas as provas e todas as matérias. É grande pressão aos alunos, pois eles precisam ser o tempo todo, excelentes.

Mas, geralmente, as escolas com os “melhores alunos” são as totalmente tradicionais e opressoras, nas quais o aluno tem receio de tirar uma nota baixa, pois, caso isso aconteça, ele vai ser julgado como um “aluno ruim”. Além disso, os professores significam a avaliação como uma espécie de competição na qual os melhores estão sempre em primeiro lugar (como mostra a imagem 2), chegando até mesmo a montar murais decorativos com a classificação dos alunos para que aqueles que estão abaixo da média necessária saibam que, para aquela instituição, eles não são bons o suficiente. E não basta somente o aluno saber, pois a escola inteira, assim como todos os seus colegas, também tem acesso a essas informações.



(Imagem 2: Google imagens).

Esse tipo de classificação, por sua vez, pode ser prejudicial para os alunos. Classificá-los não os ajuda na interação social do ambiente escolar, pois o aluno que não alcançou a média estipulada pela escola pode sofrer opressão por parte dos professores e colegas. Até mesmo os alunos que a alcançaram sofrerão também, pois esses levarão os nomes de “Nerds”, “CDF”, o que acaba resultando na exclusão destes de alguns grupos sociais. Além disso, a pressão feita por pais e professores sobre estes é muito maior (conforme a imagem 3). Os alunos sofrem tanta pressão ao falar da nota que, às vezes, preferem tirar uma nota mediana à uma máxima, pois assim as expectativas sobre ele não são aumentadas.



(Imagem 3: Google Imagens).

Um fato que os professores parecem ignorar é que a nota não define o aluno, pois este pode ter dificuldade nesta matéria em particular ou simplesmente não se adapta ao tipo de avaliação utilizada pelo professor. Por exemplo, o aluno pode ter uma boa oratória, mas não tem o mesmo desempenho ao expressar por escrito suas ideias. Nesse sentido, parece ser muito mais proveitoso pensar a avaliação como formadora e dialógica, pois, com essa avaliação, nós temos metodologias diferenciadas que permitem um diagnóstico por vezes até mais preciso da situação dos alunos. Na medida em que o professor formador compreende que um determinado método não está dando certo para uma determinada turma, ele terá não somente a autonomia de tentar de uma forma diferente, mas também “plano de fundo” que o auxiliará neste processo, pois, como docentes, temos que tentar atingir ao máximo de alunos que conseguirmos, mesmo que isso signifique trabalhar com didáticas diferenciadas para que, dessa forma, possamos alcançar a excelência com uma porcentagem maior de alunos. Entretanto, nos dias de hoje, ainda há muito preconceito com os professores inovadores e

principalmente as escolas inovadoras, que buscam adaptar-se ao seu aluno e que prezam pela aprendizagem – e não somente pela melhor nota. Segundo Hoffmann:

Há um descrédito em relação às escolas inovadoras e o sistema de avaliação é um dos focos principais de crítica da sociedade, uma vez que se constitui em componente decisivo na questão resultados, ou seja, produto obtido, em educação. Enfim, a crença popular é que os professores tendem a ser menos exigentes do que tradicionalmente e que as escolas não oferecem o ensino competente à semelhança das antigas gerações. (HOFFMANN, 2005, p. 12)

É necessário saber que a avaliação da aprendizagem não é algo que vem pronto. Ela precisa ser vista e revista pelo professor a cada dia, em cada aula e para cada grupo de alunos. Por este motivo, faz-se necessário que o professor seja um observador não somente de sua prática, mas também dos resultados que obtém dos alunos quando a utiliza. Assim, o professor pode visualizar um método para adaptar e modelar sua prática avaliativa de modo que a grande maioria de seus alunos seja atingido por ela (Antunes, 2008).

Para que haja uma avaliação da aprendizagem efetiva, portanto, é necessário que o professor use de vários parâmetros e metodologias diferenciadas, não entendendo a avaliação como um momento isolado, pois segundo Antunes:

A avaliação do rendimento escolar somente pode ser considerada eficiente quando o produto de uma *observação continuada ao longo do período escolar e não somente concentrada nos momentos de provas e exames*. Essa avaliação pode valer-se de provas – com e sem consulta – mas precisa aceitar também os trabalhos realizados individualmente e em grupo, a capacidade do aluno de encontrar e selecionar informações e sua propriedade em associá-las aos saberes que pertencem a sua estrutura cognitiva. Somente com um “leque” de múltiplos componentes pode o professor, como verdadeiro juiz, proferir um critério veredicto. (ANTUNES, 2008, p.17)

As várias metodologias usadas pelos professores, assim como os diversos recursos, podem ser entendidas como uma forma de mostrar a avaliação não como um sistema de cobrança, mas sim como mais um momento de aprendizagem do aluno e do professor que fornece subsídios para que o professor possa estar atento aos processos e mecanismos de conhecimentos ativados pelos alunos até mesmo no caso dos “erros”, pois, por meio do erro, o professor é capaz de dialogar com seu aluno a fim de desconstruir o erro e construir, juntamente com o professor, o conhecimento correto (Romão, 2011). Deste modo, entra-se na perspectiva de avaliação dialógica, derivada do dialogo entre aluno e professor. Por meio desses diálogos em sala de aula, o aluno será capaz de descobrir a sua relação com o mundo e, a partir disso, torna-se capaz de construir seu próprio conhecimento e cultivar suas próprias ideias. Assim, podemos dizer que o aluno deixa de fazer parte do sistema bancário de

educação, no qual só se recebe e se reproduz informações, e passa a ser um sujeito autônomo e crítico. De acordo com Freire (1987), “o oprimido geralmente sabe, mas não sabe que sabe, daí a importância da motivação para o diálogo e a reflexão”. Assim, podemos notar a importância da ideia de que, com uma avaliação dialógica, o aluno pode ter consciência dessa tomada de decisões. Para que esse tipo de avaliação aconteça, portanto, é necessário que sejam desenvolvidas ações pedagógicas que possibilitem aos alunos vivenciarem práticas democráticas, para que, dessa forma, eles possam não somente desenvolver conteúdos, mas também possam desenvolver-se como sujeitos capazes de problematizar a sua relação com o mundo.

Tendo claro que não se pode falar em avaliação sem que se fale em prática docente, visto que ambas andam lado a lado e que para que este professor seja eficiente em sua avaliação é mais que necessário que ele tenha uma boa prática, a avaliação em sala de aula esta diretamente ligada com as decisões metodológicas e os instrumentos de avaliação que o professor assume em sua docência, que devem ser totalmente coerentes com sua prática (SAUL, 2008). Paulo Freire, em uma de suas obras, deixa claro que, em sua concepção, há a existência de uma relação “vital” entre a avaliação e a prática. Em suas palavras:

Não é possível praticar sem avaliar a prática. Avaliar a prática é analisar o que se faz, comparando os resultados obtidos com as finalidades que procuramos alcançar com a prática. A avaliação da prática revela acertos, erros e imprecisões. A avaliação corrige a prática, melhora a prática, aumenta a nossa eficiência (FREIRE, 1989, p.47).

Deste modo, a prática pedagógica deve sempre estar ligada à avaliação, pois ambas se complementam. A avaliação deve ser um parâmetro para o professor analisar a sua prática e refletir sobre ela, tendo como requisito para essa reflexão três pontos: (i) o docente deve partir da prática, colocando a mesma como um desafio para a transformação. Em seguida, (ii) o professor deve refletir sobre essa prática, usando-a para ver se os objetivos iniciais foram alcançados. Caso não tenham sido alcançados, o professor deve verificar onde houve falha em sua prática, refletir sobre isso para que, finalmente, (iii) o docente possa transformar sua prática, rearranjando e alterando aspectos que, em sua reflexão, percebeu-se que não estavam adequados, não trazendo os resultados desejados (Vasconcellos, 2007).

Estudar avaliação da aprendizagem é importante para mostrar aos docentes que as concepções mudaram com o tempo e nos auxilia a entender que não é somente a nota que é válida em sala de aula e que as ameaças não fazem com que os alunos aprendam, mas, antes,

servem como um instrumento de opressão e tolhem a liberdade para que se transformem em sujeitos críticos. A avaliação, portanto, deve ser colocada em sala de aula como mais um aspecto da aprendizagem no qual o que há de mais importante é realmente o aprendizado do aluno.

Dessa forma, a perspectiva dialógica de avaliação, entendida como forma de melhoria da prática, de disponibilidade para o diálogo e na crença de que a transformação é possível, orienta as reflexões do presente trabalho.

3. Objetivos:

Objetivo geral:

O presente projeto teve como objetivo geral estudar os discursos dos professores de Ciências de escolas de Planaltina-DF sobre a avaliação da aprendizagem buscando compreender sua fundamentação teórica, seus desdobramentos didáticos na prática docente e, além disso, procurando conhecer a realidade de escolas do Distrito Federal.

Objetivos específicos:

Para desdobrar a abordagem do objetivo geral, os objetivos específicos foram:

- Investigar quais são os tipos de avaliações utilizadas pelos professores de Ciências Naturais do Ensino Fundamental de escolas de Planaltina, expressos em seus discursos;
- Analisar quais as concepções que fundamenta o discurso em torno da avaliação;
- Conhecer o trabalho e as dificuldades dos professores na escola a respeito da sua tarefa de avaliação da aprendizagem.

4. Metodologia:

Visando alcançar os objetivos propostos no trabalho, este estudo teve uma abordagem qualitativa, pela qual se deve analisar o ambiente e as repostas dos entrevistados de uma forma interpretativa, pois os seres humanos não são passivos, mas sim diferentes. Neste tipo de abordagem, é necessário que haja uma equidade da parte do pesquisador, ou seja, é preciso que esse pesquisador saiba adaptar sua metodologia de acordo com o entrevistado e o seu ambiente (Oliveira *apud* Moreira, 2002.).

Diferente dos métodos de pesquisa que fazem somente o levantamento de dados no qual o pesquisador, o sujeito e o objeto de estudo pesquisado são colocados separadamente, a pesquisa qualitativa propõe uma concepção diferenciada, segundo Ludke e André:

A pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regras através de trabalho intensivo de campo. Por exemplo, se a questão que esta sendo estudada é a indisciplina escolar, o pesquisador procurará presenciar o maior número de situações em que se manifeste, o que vai exigir um contato direto e constante com o dia-a-dia escolar. (Ludke e André *apud* Bogdan e Biklen, 1986, p.11).

Ao fazer uma pesquisa utilizando uma abordagem qualitativa, é necessário que o pesquisador tenha em foco que a interpretação da situação em estudo deve ser feita de acordo com o olhar do participante, tendo ainda como maior interesse a perspectiva do informante, reconhecendo que há uma influência da pesquisa sobre a situação e admitindo que o pesquisador também sofre influência da situação de pesquisa. (Oliveira *apud* Moreira 2002).

Através do uso da pesquisa qualitativa, o pesquisador pode criar um diálogo com o entrevistado, deixando claro que o seu maior interesse neste momento é o processo e não o resultado. Desse modo, o pesquisador não interfere ou cria concepções prévias sobre a fala do entrevistado. Como a metodologia de pesquisa qualitativa traz uma abordagem mais aberta ao diálogo, ela vem sendo muito utilizada pelos pesquisadores da área de educação que possuem como objetivo de pesquisa estudar as concepções humanas sobre temas sociais.

Para a coleta dos dados a pesquisa utilizou-se de entrevistas semiestruturadas, que buscaram diagnosticar o movimento geral da realidade escolar e suas conexões com o contexto social e histórico da educação no DF, quando em conversa com a tarefa de análise crítica dos dados levantados.

4.1- Quanto ao contexto da pesquisa:

Esta pesquisa foi realizada em cinco escolas públicas de Ensino Fundamental em Planaltina-DF, envolvendo a participação de seis professoras.

Estas instituições de ensino foram escolhidas de acordo com a disponibilidade de professores da área das Ciências.

4.2 - As participantes da pesquisa:

Participaram da pesquisa seis professoras de Ciências Naturais, que estão atuando em séries do Ensino Fundamental. Para cada um desses docentes foi entregue uma cópia do TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) (anexo 1) antes da entrevista, para que cada professora pudesse ter maior liberdade ao responder as perguntas propostas pela pesquisadora sem que houvesse a preocupação em ser exposto no decorrer da pesquisa. Simultaneamente com a entrega da cópia do TCLE. Houve uma conversa entre a pesquisadora e cada professora entrevistada para que assim ela saiba a que se refere à pesquisa, e para que fins ela seria utilizada.

4.3 - Os instrumentos da pesquisa:

Como instrumento da pesquisa foi utilizado uma entrevista com roteiro semiestruturado (apêndice 1), pois segundo Oliveira:

A entrevista semiestruturada dá uma maior possibilidade de entendimento das questões estudadas nesse ambiente, uma vez que dá liberdade ao pesquisador e ao entrevistado para relativizar as perguntas e respostas e no meio da entrevista pode se adicionar perguntas ou até mesmo retirá-las para se adequar melhor ao ambiente estudado naquele momento. (OLIVEIRA, 1982, p. 12)

Por meio desta entrevista buscou-se verificar o entendimento das professoras acerca de quais são os tipos de avaliações utilizadas em sua prática cotidiana, pois em experiências pessoais as avaliações eram feitas diretamente para classificar o aluno como melhor ou pior e qual seria essa referência. A entrevista teve como finalidade investigar se as avaliações ainda possuem esse mesmo propósito, observando o discurso das professoras.

4.4 - Os procedimentos de coleta de dados

Antes de fazer as entrevistas com as participantes, a pesquisadora fez uma entrevista teste para saber a eficácia do roteiro de entrevista, ou seja, se as perguntas trariam as respostas desejadas, se não haveria erro de interpretação por parte dos participantes, ou até mesmo para saber se eram realmente essas perguntas que deveriam ser feitas para se alcançar o objetivo

estipulado no início da pesquisa. Essa entrevista teste foi realizada com um professor de Ciências Naturais, cujos dados coletados não fizeram parte dos resultados dessa pesquisa.

Ao se fazer essa entrevista teste a pesquisadora chegou à conclusão de que as perguntas elaboradas no roteiro de entrevista trariam as respostas desejadas, esperando se assim que os objetivos da pesquisa fossem de fato alcançados ao término das entrevistas com os participantes da pesquisa.

Após a entrevista teste e a conversa inicial feita individualmente com cada professora para que ficassem claros os objetivos do trabalho, a pesquisadora entrevistou-as, cada uma em um momento. Ou seja, a pesquisadora e cada professora que foi entrevistada decidiram juntas pelo melhor horário para que ocorresse a entrevista, pois o ideal era que a entrevista fosse realizada em um ambiente tranquilo e que não fosse feita rapidamente e seria necessário que a pesquisadora e a professora entrevistada dispusessem de algum tempo livre para que assim possam manter um diálogo mais amigável e não somente uma troca de palavras.

4.5 - Os procedimentos de análise de dados:

A análise de dados foi feita de uma maneira crítica e qualitativa na qual, através da entrevista, buscou-se analisar e explorar as respostas dos participantes da pesquisa para que, com isso, fosse possível chegar aos objetivos propostos inicialmente.

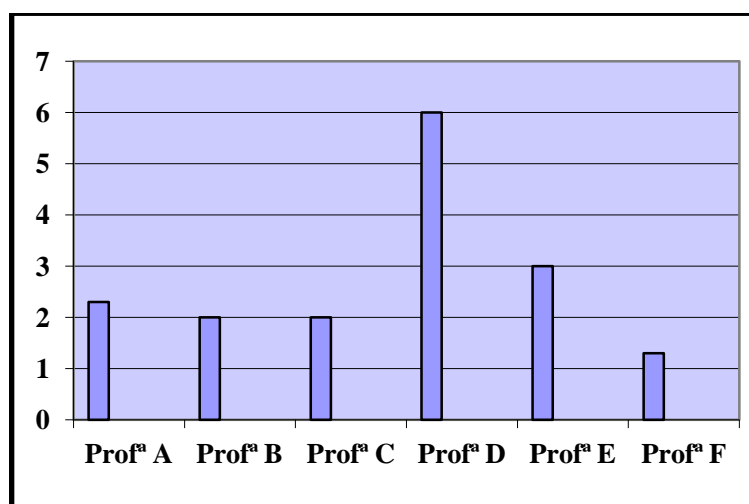
Após a realização das entrevistas, foi feita a transcrição de todas as falas relatadas pelos professores participantes da pesquisa. Após a transcrição, as falas foram divididas em tópicos para serem interpretadas e expostas no trabalho de maneira mais clara. Em seguida, houve a leitura dessas falas, fazendo uma análise crítica embasada no referencial teórico tanto sobre a posição dos professores entrevistados quanto da sua prática de avaliação e além disso, de como cada um desses professores se relaciona com o tema da avaliação da aprendizagem em sua sala de aula.

O trabalho buscou levar sempre em consideração que o Curso de Ciências Naturais traz a avaliação da aprendizagem como mais que parte de um método de ensino, ou seja, a avaliação da aprendizagem é colocada como mais um momento no qual não se busca só mostrar o que já foi aprendido como também é mais um momento para se aprender.

5. Resultados e Discussões

5.1. Quanto ao perfil das professoras

Foram entrevistadas seis professoras, que atuam nas séries finais do Ensino Fundamental em escolas de Planaltina-DF. Todas essas professoras se formaram em Licenciatura em Ciências Naturais na Faculdade UnB de Planaltina e todas já estão atuando em sala de aula. Isso mostra como o curso tem crescido e galgado reconhecimento ante as instituições de ensino. Quanto ao tempo de atuação dessas professoras em sala de aula, pode-se observar na Imagem 4:



(Imagem 4: Tempo de formação das professoras)

O tempo de formação dessas docentes é bem curto, tendo um máximo de seis anos e um mínimo de um ano e três meses. Isso se dá porque o curso de Licenciatura em Ciências Naturais é muito novo quando comparado a outras licenciaturas da Universidade de Brasília. Não só o curso é muito recente, mas também a criação do próprio Campus no qual o Curso é ofertado.

De acordo com a Reforma do Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais – Diurno (2013), em 2002, a UnB possuía em torno de vinte e dois mil alunos matriculados entre a graduação e a pós-graduação, havendo a necessidade de uma expansão para além do Campus Darcy Ribeiro, com o objetivo de atender a maior demanda

social crescente no Distrito Federal. Assim, neste mesmo ano, com o apoio do Governo Federal e em parceria com o Governo do Distrito Federal, iniciou-se o campus de Planaltina. Entretanto, o primeiro vestibular para os cursos de Licenciatura em Ciências Naturais e Bacharelado em Gestão do Agronegócio só foi realizado no ano de 2006.

Nesta perspectiva, percebe-se como esse curso é recente e que a docente que tem mais tempo de profissão formou-se nas primeiras turmas do curso. Podemos inferir também que, assim que se concluíram sua formação, essas professoras ingressaram em instituições de ensino. Além disso, podemos notar que cinco das seis professoras entrevistadas ingressaram também em mestrados dentro da própria Universidade na qual se formaram inicialmente, buscando assim uma maior especialização na área de Ensino e Aprendizagem.

Em suas falas as docentes deixam claro que já iniciaram suas carreiras acadêmicas com o Ensino de Ciências:

“Eu já comecei em Ciências”. (Professora A)

“Sim, minha primeira experiência em sala de aula já foi sendo professora de Ciências.” (Professora B)

Mas duas das seis docentes dizem que assumiram carga dupla dentro da instituição, ensinando Ciências e outra disciplina ao mesmo tempo, em sua maioria a disciplina de Matemática:

“Direto em Ciências e já dei Matemática também, atualmente eu trabalho em Matemática e Ciência.” (Professora E).

“Sempre trabalhei com Ciências e com algumas cargas elementares, como por exemplo, Matemática e a disciplina de Partes Diversificadas.” (Professora F).

Desse modo, é possível perceber o perfil das docentes entrevistadas.

5.2. Quanto à concepção sobre Educação

Quando questionadas acerca de suas concepções sobre educação, quatro das seis professoras a associaram educação com o conceito de transformação, trazendo a ideia de que, por meio da educação, existe a possibilidade de se formar cidadãos críticos, autônomos e reflexivos, capazes de ter suas próprias ideias de mundo e de se desenvolver como sujeito através do conhecimento que é dado a ele:

“Educação está associada à transformação, o conhecimento principalmente vindo da escola pode transformar a vida das pessoas.” (Professora C).

“Na minha concepção a educação deve ser transformadora, sendo capaz de formar cidadãos críticos, autônomos e reflexivos, e acredito que a educação é capaz de transformar vidas.” (Professora A).

“Educação ela é capaz de mudar e transformar as pessoas, ela é capaz de transformar o meio em que a gente vive, mesmo que seja nas pequenas coisas, então minha concepção de educação é a mesma que de transformação.” (Professora E).

“A educação ela vem para transformar, para dar a esse sujeito asas para que ele consiga explorar o mundo das mais diversas formas que existem.” (Professora B).

As respostas dessas quatro professoras levam a crer que elas possuem uma visão da educação baseada nos conceitos de Freire, pois ele compreende a educação como uma transformação social, que não coloca o indivíduo como um reservatório ou depósito de conteúdos, mas sim diz que o sujeito pode construir sua própria história usando de seus conhecimentos para problematizar a sua relação com o mundo. (Freire, 1979a)

A professora F, por sua vez, traz a concepção de que a educação é um processo que ocorre ao longo do tempo e que depende de várias questões, sendo elas sociais, históricas e culturais, dizendo ainda que esta educação pode ser dividida em dois aspectos: (i) a educação formal e (ii) a educação não formal, sendo a educação formal mais pautada numa diretriz e em documentos educacionais a serem seguidos e a educação não formal a que é menos burocrática e menos hierárquica.

Já a professora D diz que a educação é um desafio com um conceito inexistente, no qual, nos últimos dois anos, tem se misturado os princípios familiares com os princípios de conteúdo. Ela ainda afirma que o professor passou a assumir uma educação para a vida, deixando a educação de conteúdo um pouco esquecida.

“Gasta-se muito tempo hoje com a parte do educar para a vida, não só conteúdo, para mim educação hoje é uma interrogação.” (Professora D).

Quando se analisa a fala da professora, nota-se que ela possui certa confusão acerca do tema, pois vários estudiosos definem a sua educação. Deste modo, há a existência de vários conceitos acerca da temática educação.

No meio social e pedagógico um dos conceitos de maior importância, pois educação é aquilo que rege os docentes fazendo deles educadores que não são somente voltados para os conteúdos, mas que realmente ensinam pra vida. De acordo com Libâneo (1997), a educação é um conceito amplo referente ao desenvolvimento unilateral do indivíduo que influencia nas inter-relações que estão diretamente ligadas a formação da personalidade social e do caráter deste indivíduo, trazendo implicações para sua visão de mundo, assim como suas ideias, valores e seu modo de agir. Esses aspectos refletem em suas convicções ideológicas, morais, políticas e princípios de ação frente a situações reais e desafios da vida prática. A educação, então, é um processo que influencia tanto no sentido histórico quanto no desenvolvimento da personalidade de um indivíduo.

5.3. Quanto à concepção sobre avaliação da aprendizagem

Quando questionadas sobre suas concepções de avaliação da aprendizagem, a Professora A disse que avaliação deve ser um processo contínuo, isto é, não deve possuir apenas um caráter somatório, mas também deve ser avaliado aquilo que seu aluno já sabe, ou seja, é necessário que o professor faça uma avaliação diagnóstica para investigar o que os alunos já sabem ou o que ele aprendeu sobre aquele conteúdo, para que assim o professor possa avaliar esse aluno da melhor forma possível, vendo suas limitações e suas evoluções.

A Professora E demonstra uma visão parecida com a da Professora A. Ela diz que se deve avaliar o aluno como um todo, observando como ele se desenvolve no conteúdo, o desenvolvimento afetivo desse aluno, ou seja, como ele se relaciona com a turma e com o próprio professor, o desenvolvimento motor do aluno, pois todas essas questões influenciam na aprendizagem desse aluno, e diz ainda que é necessário que se faça inovações no processo de avaliação, deixando um pouco as provas escritas de lado.

“Eu penso que avaliação não é prova, eu acho que a prova é o que menos avalia.” (Professora E).

Em sua fala, a professora deixa bem claro que é contra o uso de prova escrita, pois com prova escrita não é possível saber se o aluno está se desenvolvendo na aprendizagem.

“Se você perguntar, às vezes uma pergunta mais geral, às vezes ele vai te responder com um “decoreba”.” (Professora E).

Na concepção dessa professora, a prova que é tão bem vista que em muitos contextos não mostra o desenvolvimento do aluno e acaba que o professor não avalia o que realmente deveria ser avaliado, ela diz que pode sim se dar prova, pois realmente é uma forma mais simples de avaliação, mas que o professor deve tentar inovar até nas provas, ou seja, utilizando de prova oral, podendo ser uma prova onde haja uma conversa com todos, pois ela afirma ter tido provas assim na graduação e que realmente fazia mais sentido e contemplava mais os objetivos da avaliação da aprendizagem.

A Professora D, ao responder essa questão, mostrou-se meio confusa, pois ela diz gostar muito da avaliação mais tradicional, mas diz usar aspectos de outros tipos de avaliação.

“Eu sou uma professora mais para o lado tradicional, só que eu uso alguns aspectos dos outros segmentos de aprendizagem.” (Professora D).

A confusão está em toda a fala da professora, pois ela se diz ser tradicional, pois sua avaliação é centrada em provas escritas, mas que ela passou a utilizar de observações, das participações dos alunos e avaliando várias outras coisas que ajudariam o aluno a crescer como pessoa. Ela afirma que acredita na avaliação formal, mas ela busca fazer uma avaliação paralela para algumas pessoas.

“Eu trato os iguais como iguais e os diferentes como diferentes, essa é minha avaliação.” (Professora D).

Ao observar sua fala, percebe-se que essa professora pensa ser tradicional, mas ela apresenta características que mostram certa confusão em sua forma de avaliar, porque a partir do momento que se deixa de pensar na avaliação como uma medição de pontos e começa a se pensar em avaliação como um suporte para o desenvolvimento do aluno como um sujeito crítico e, ainda, quando se passa a observar seus alunos para que assim identifique qual tipo de avaliação é melhor para aquele aluno, deixa-se de ser um professor classificatório e tradicionalista.

As Professoras A e E, e até mesmo a Professora D, mesmo um pouco confusa em sua concepção, tem como objetivo uma avaliação que seja transformadora que auxiliem seus alunos no decorrer de todo um processo, e avalie não só o conteúdo que aquele aluno

demonstrou aprender, mas sim toda a evolução desse aluno como sujeito construtor de seu próprio conhecimento. Enricone e Grillo (2000), dizem que a avaliação já não pode ser simplesmente considerada uma medição, aferição e não pode ser somente relacionada a aprovação ou a reprovação, ela deve implicar em toda a trajetória do aluno, em seu desenvolvimento e no seu processo de aprendizagem, quando ele está construindo suas concepções e seus conhecimentos, deve reconhecer os avanços e as paradas desse aluno como parte importante do seu processo de aprendizagem, pois o aluno não aprende somente com o acerto. O erro, nesse sentido, deve ser utilizado como uma ponte para a construção do conhecimento correto.

As Professoras C e F vêem a avaliação como uma forma de investigar o desenvolvimento de seu aluno e ainda dizem que, através da avaliação, o professor é capaz de chegar a resultados que, comparados a seus objetivos iniciais, podem refletir sobre sua prática docente.

“Eu acho que a avaliação ela serve como uma diretriz pra investigar a qualidade dos resultados que nos obtemos ao final do processo de ensino.”
(Professora F).

“Ela vem como um feedback para o professor, para compreender o trabalho que ele esta fazendo, se é realmente esse caminho que ele quer seguir.”
(Professora C).

Tais professoras colocam a avaliação como algo necessário para aperfeiçoar sua prática pedagógica, usando como base de investigação do processo de ensino e aprendizagem de seus alunos, sendo o principal aliado para melhoria da sua prática docente. A Professora F diz ainda que essa avaliação não precisa ter um teor apenas quantitativo, mas pode ser também qualitativa, pois assim ela cumpre o real papel da avaliação da aprendizagem, com seus resultados influenciando não só o desenvolvimento dos alunos, mas o trabalho do professor também.

“Não precisa ser necessariamente uma avaliação quantitativa, mas sim uma avaliação qualitativa, que investiga, acompanha e analisa aquele processo de ensino dos alunos, da turma e até mesmo do trabalho do professor.”
(Professora F).

Analisando as falas das Professoras C e F é possível inferir que elas carregam a concepção do quão importante e necessário é o processo de avaliação para os alunos e para os

próprios professores. Com uso da avaliação de uma forma qualitativa, o professor é capaz de, além de notar o desenvolvimento do seu aluno, refletir sobre sua própria prática, buscando meios de alterá-la se assim for necessário. Segundo Libâneo (1997), a avaliação da aprendizagem é um processo didático necessário e permanente do trabalho do professor, e ela deve acompanhar cada passo do processo de ensino e aprendizagem. Através da avaliação é possível fazer uma comparação entre os resultados obtidos pelos professores durante o percurso e os objetivos propostos por ele em seu planejamento de aula, assim sendo possível analisar os progressos, as dificuldades e reorientar trabalho deste professor para que ele possa fazer as correções necessárias em a sua prática.

A Professora B diz que a avaliar é uma das coisas mais difíceis que o docente tem que fazer em sala de aula. Diz ainda que avaliar é um termo muito complexo, pois surgem perguntas que o professor, querendo ou não, deve buscar responder. Perguntas do tipo:

“Como você vai avaliar um aluno, como você diz que aquele aluno tem ou não o domínio daquele conteúdo, e é realmente o conteúdo que a gente quer ensinar?” (Professora B).

E quando se está em sala de aula, realmente surgem dúvidas como essas, pois a tarefa de avaliar, além de difícil, é muito importante, tanto para o desenvolvimento do aluno no decorrer dos anos, como no seu desenvolvimento como sujeito. A Professora diz ainda que todas às vezes em seu planejamento ela se pergunta se aquilo que ela vai ensinar é realmente relevante para se formar um indivíduo crítico e construtor de seus próprios conhecimentos. Diz ainda que a avaliação é muito difícil porque cada aluno aprende de uma forma e cada uma aprende ao seu tempo. Às vezes, o aluno que o professor acha que não aprendeu nada foi o que realmente entendeu aquilo que ele quis dizer e, por isto, o professor deve conhecer a sua turma para que assim possa resolver essas questões que acabaram surgindo em sala de aula.

“Então avaliar pra mim é um desafio e definir a avaliação é um desafio maior ainda.” (Professora B).

Embora seja uma tarefa complexa, avaliar é necessário para qualquer processo humano, para saber se esta chegando ao objetivo proposto ou não e, caso não, saber por que e ver o que se pode fazer a partir deste resultado, pois a avaliação tem a finalidade de responder às perguntas feitas pelos professores ao longo de sua jornada acadêmica. Como citado no

referencial teórico, Vasconcellos (1998) diz que avaliar quando em uma visão dialético-libertadora auxilia a escola a desempenhar sua função transformadora, favorecendo o aprendizado e o desenvolvimento dos seus alunos, sempre levando em conta o compromisso com a construção de uma sociedade mais solidária e equitativa. O que se espera é que, com a avaliação, o professor possa ver caminhos para ensinar e ver ainda qual é a melhor forma de aprendizado de seus alunos, pois a avaliação desejada é a que ajuda o aluno a aprender e de suporte para o professor ensinar da melhor forma possível.

5.4. Quanto à orientação da direção ou do PPP escolar sobre a prática da avaliação

Quando questionadas sobre a orientação dada pela direção ou pelo PPP da escola as Professoras A, B, C e F dizem que tanto a escola, quanto direção e coordenação não passam para eles nenhuma orientação de como deve ser feita a sua avaliação. A Professora F, em particular, disse que não passam nenhuma orientação, mas a própria escola já está voltada para uma avaliação mais tradicional onde o meio mais importante para se avaliar é a prova.

“A direção em si não.” (Professora A).

“Não eles não dão orientação nenhuma isso é o professor que decide. Cada professor decide sua forma de avaliar.” (Professora B).

“Não, não dão orientação nenhuma.” (Professora C).

“Em relação à avaliação eles não dão nenhuma orientação de qual avaliação nos devemos adotar, mas fica pautada na avaliação tradicional, que mescla a avaliação formativa e recai na somativa, por que você acaba tendo que classificar aquele aluno ao final do processo.” (Professora F).

As Professoras D e E já dizem que tanto a escola, quanto diretores e coordenadores dão sim uma orientação de como elas devem avaliar seus alunos, mas como elas dizem isso acaba recaindo em uma avaliação mais somativa, pois a maior orientação recebida por elas é que deve haver a existência da prova.

“Sim. Eles orientam que sejam dadas as provas, assim, darem uma orientação de como devem ser e como não devem ser as avaliações, não tem, nunca teve formação pra isso na escola, mas eles sempre pedem que tenha teste, prova, teste, prova.” (Professora E).

“Sim. Aqui no Ensino Médio a gente tem simulados voltados para o vestibular, o PAS e o ENEM, então cada professor é obrigado, mesmo que você não queira avaliar com prova aqui você avalia com prova, já é metodologia da escola. 5 pontos da sua nota vão pro provão, e os outros 5 ficam a critério do professor. Quando a gente entra aqui nos recebemos um papel com os tipos de avaliação que podem ser lançadas no diário.” (Professora D).

Como se mostra nas falas, a maioria das instituições educacionais não diz ao professor como ele deve avaliar seus alunos. De certa forma isso é bom, pois o professor tem autonomia para avaliar seus alunos da forma que achar melhor, tendo a chance de conhecer sua turma e saber qual a melhor forma de avaliação e ao mesmo tempo é ruim, pois acaba que os alunos são avaliados de formas diferentes dependendo da área e do professor, fazendo com que assim ele sempre ache que avaliação mais pautada no diálogo seja algum tipo de brincadeira. Quando questionadas sobre as orientações dadas pelo Projeto Político Pedagógico da escola, as Professoras B, C, E e F disseram que não tem nenhuma orientação vindo deste documento e que nunca tiveram acesso ao PPP da escola.

“Bom eu não tive acesso ao PPP da escola, eu já pedi várias vezes, eu entrei aqui depois da elaboração então eu não tenho acesso.” (Professora F).

As Professoras A e D já disseram que elas tiveram sim acesso ao PPP e que ele passa sim informações e orientações de como deve ser feita a avaliação na instituição escolar, como mostra as falas abaixo.

“Então o PPP e as orientações gerais da escola trazem a avaliação com um teor totalmente formativo.” (Professora D).

“O PPP afirma que os alunos eles devem ser avaliados em todos os momentos do processo de ensino aprendizagem.” (Professora A).

É de grande importância que os professores tenham acesso ao PPP da instituição de ensino em que trabalham, pois é neste documento que se deve conter todas as orientações sobre o ambiente, os projetos e afins existentes dentro da escola, e uma dessas orientações é quanto a avaliação, ou seja, como deve ser a proposta de avaliação da escola. Enríque e Grillo (2000) dizem que o Projeto Político Pedagógico deve ser construído com uma proposta de avaliação da aprendizagem que passe por um projeto de ensino, não necessariamente

contendo uma proposta metodológica assegurada de resultados específicos e desejados. A avaliação, portanto, é uma forma de pensar o ensino como uma hipótese sempre aberta, sujeita ainda a uma comprovação.

5.5. Quanto aos diferentes tipos de avaliação conhecidas pelos professores

Na literatura existem vários tipos de avaliação citados pelos estudiosos. São avaliações que definem cada forma de se avaliar, assim como recursos e materiais utilizados nesta avaliação. Quando questionados sobre essa temática, cinco das seis professoras entrevistadas mostram saber sobre esses tipos diferenciados de avaliação, assim como mostra a tabela abaixo:

<i>Tipos de avaliações citadas pelas professoras</i>			
Professora A	Somativa	Diagnostica	Formativa
Professora B	Somativa ou Tradicional	Diagnostica	Formativa, Dialógica e Continuada.
Professora C	Somativa	Diagnostica	Formativa
Professora D	-	-	-
Professora E	Somativa	Diagnostica	Formativa
Professora F	Somativa e Classificatória	Diagnostica	Formativa

(Tabela 1: Tipos de avaliações conhecidas pelas professoras).

Cinco dentre as seis professoras entrevistadas mostraram, no decorrer da entrevista, que possuem o entendimento de como ocorre cada tipo de avaliação, sabendo definir o que ocorre em cada uma delas. Quando citado por esses docentes a avaliação diagnostica, todos deram uma conceituação parecida voltada para se investigar o que seu aluno já sabe, como se mostra em algumas das falas abaixo.

“É aquela que deve ser feita antes de começar algum conteúdo que é para verificar o conhecimento prévio dos alunos.” (Professora A).

“A avaliação diagnóstica é a que você percebe o que o seu aluno já traz.” (Professora E).

“A diagnóstica é aquela que acontece tanto no início do processo, quanto no meio quanto no fim, e ela tem uma função muito importante que é a de orientar a prática do professor.” (Professora F).

Segundo Santos (2005), a avaliação diagnóstica é aquela que ajuda o professor a detectar ou fazer uma investigação daquilo que foi aprendido ou não pelo aluno e, assim, retomar o conteúdo que o aluno não aprendeu, replanejando suas ações para suprir as necessidades do aluno e atingir os objetivos que foram propostos no planejamento do docente. Em sua maioria, os professores acham que a avaliação diagnóstica deve ser usada somente no início das aulas, mas assim como citou a professora F, a avaliação diagnóstica é importante para auxiliar o professor em sua prática docente e em seu planejamento de aula.

Outro tipo de avaliação citados pelos professores foi a avaliação somativa, que alguns chamaram de avaliação tradicional e classificatória, mas deram a mesma definição que é dada para a avaliação somativa. Os docentes colocaram essa avaliação como aquela na qual que só se vê notas adquiridas pelos alunos, sem levar em consideração a sua real aprendizagem, como mostra em algumas falas abaixo.

“Tem a avaliação somativa, que você vai somando as coisas, que é uma avaliação completamente, na minha concepção, nada haver.” (Professora E).

“A somativa é aquela que esta enquadrada no aspecto quantitativo que vai verificar só números, notas, e eu acho que a somativa ela entra um pouco nessa questão de acabar dando significado para uma questão que de fato, como a questão numérica, ela não consegue realmente atribuir um resultado, o resultado muitas vezes não é levado em consideração, no sentido que a pessoa sabe, mas ela tirou uma nota baixa por exemplo.” (Professora F).

“A avaliação tradicional que é a mais conhecida, que é justamente essa questão da nota e isso ainda é muito forte nas escolas como um todo.” (Professora B).

“A somativa é aquela que foca mais no caráter somatório, a questão da nota.” (Professora A).

Quanto à conceituação colocada pelas professoras, Santos (2005), diz que a avaliação somativa realmente tem a intenção de atribuir notas e conceitos para os alunos serem promovidos ou não ao término do ano letivo e, com isso, se vê que os professores carregam

uma concepção correta quanto a avaliação somativa, sendo ela sim um tipo de avaliação voltado para as notas dadas aos discentes.

É possível analisar pelas falas de algumas das professoras que elas não são totalmente a favor desse tipo de avaliação, mas, como algumas delas afirmam, isso está muito ligado ao sistema de educação de hoje. A professora B ainda diz que essa é uma questão que vem de cima, que não é algo que pode ser mudado pelos professores. Elas dizem ainda que esse tipo de avaliação não vai realmente mostrar o resultado esperado por elas. A avaliação tradicional ou somatória tira o foco do que realmente era para ser trabalhando durante uma avaliação, o saber, o ensino e aprendizado do aluno. A avaliação foi feita para ajudar no ensino e aprendizado; para ser um meio para que os professores possam analisar a sua própria prática docente e ele coloca ainda que a avaliação deixou de ser um meio para virar um fim, no qual trabalha se tudo focando na avaliação. (Vasconcelos, 1998).

Como foi colocado na tabela acima, as professoras citaram ainda a avaliação formativa, dialógica ou continuada, que mesmo citada das três formas trazem uma conceituação igual, pois as cinco professoras que citaram colocam a avaliação formativa como aquela que ocorre durante todo o processo escolar, como mostra algumas falas a baixo.

“Tem a avaliação formativa que é um feedback para o professor, pois avalia tanto o meu trabalho quanto o que os alunos estão adquirindo.” (Professora C).

“E tem a que você avalia o aluno como um todo que a avaliação formativa.” (Professora E).

“E a formativa também assim como a diagnostica acontece ao longo de todo o processo, também tem a função de reorientar o trabalho do professor, e também é um tipo de avaliação que tem um retorno daquilo que o professor está trabalhando em sala de aula, um retorno se seu aluno esta conseguindo desenvolver com base na metodologia, com base na estrutura pedagógica que você esta trabalhando.” (Professora F).

Como citado pelos professores e de acordo com Santos (2005), a avaliação formativa tem a função de investigar se tudo aquilo que foi proposto pelo professor em relação aos conteúdos estão sendo atingidos durante o processo de ensino aprendizagem. Além disso, ela também tem a função de verificar se seus alunos estão conseguindo acompanhar, desenvolver e construir seu conhecimento da melhor forma possível, colocando a aprendizagem do aluno como fator principal nesse tipo de avaliação e, como coloca a Professora F, esse tipo de

avaliação também vai servir para reorientar o trabalho do professor, por ser uma avaliação processual e contínua.

A Professora D, que não citou nenhum tipo de avaliação, colocou na entrevista que sabe da existência dos vários tipos de avaliação, mas quanto à utilização vai depender da realidade de cada escola, às vezes da comunidade, e às vezes até de cada aluno, pois tem escola que deixa livre e tem escola que não. E diz ainda que não tem como o professor trabalhar todos os tipos de avaliação, preferindo assim ficar com uma avaliação mais formal, na qual se tem aspectos mais palpáveis, como mostrado na fala abaixo.

“As avaliações lindas e maravilhosas elas não servem muito, por que o professor tem muito trabalho para mascarar isso no diário, então a maioria prefere coisas mais palpáveis, que é aquele tipo de avaliação de vamos somar as notas e fazer uma média, deu deu não deu não deu.” (Professora D).

Mesmo não tendo citado nenhum tipo de avaliação, pela fala da professora, é possível perceber que a avaliação mais conhecida por ela é a avaliação com um teor mais somatório, assim como é perceptível que essa professora tem certa confusão quanto à conceituação e quanto à utilização dos tipos diferenciados de avaliação, podendo essa confusão vir da sua formação como docente. De acordo com a Reforma do Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais - Diurno (2013), não há nenhuma disciplina obrigatória do curso voltada somente para a avaliação da aprendizagem, tendo apenas uma disciplina optativa que é ofertada esporadicamente, dependendo da demanda de professores.

5.6. Quanto ao tipo de avaliação utilizada pelos professores e em qual momento de suas práticas pedagógicas ocorre o processo de avaliação

Quando questionadas em relação a qual o tipo de avaliação é utilizada por elas em sala de aula, as Professoras A e F dizem usar dos três tipos de avaliações citados por elas no tópico anterior, ou seja, elas dizem fazer uma mescla entre as avaliações somativa, diagnóstica e formativa e colocam que o processo de avaliação delas acontecem no decorrer de todo o ano letivo, como mostra nas falas abaixo.

“Geralmente eu utilizo os três tipos. E minha avaliação acontece no decorrer de todo processo.” (Professora A).

“A gente querendo ou não acaba mesclando, uso muito a diagnostica e a formativa, mas com uma pincelada da somativa, por que tem que atribuir a pontuação. E a minha avaliação acontece em todos os momentos.” (Professora F).

A Professora C diz que utiliza as avaliações somativa e formativa, mas no tópico anterior, que questiona os tipos de avaliações conhecidas por elas, ela coloca que, na escola que esta atualmente, deve-se fazer a avaliação diagnostica para se saber em que nível de aprendizado está os seus alunos e, como mostra as falas a baixo, afirma que seu processo avaliativo acontece a todo o momento.

“Eu utilizo a somativa e formativa, até por que os alunos que temos na rede hoje prezam muito por essa questão de nota. E o meu processo de avaliação é constante, a todo o momento eu estou pedindo um feedback dos meus alunos.” (Professora C).

As professoras B, D e E afirmam fazer uma avaliação formativa, avaliando seus alunos em todos os momentos. A Professora E diz que, mesmo que sua avaliação seja formativa, ainda há os momentos das provas e que, mesmo nesses momentos, a professora utiliza de avaliações diferenciadas. Então sua prática avaliativa possui sim um teor mais dialógico e formativo, pois ela utiliza de outros meios para avaliar seus alunos, assim como a Professora B. Já a professora D mostra certa confusão em sua fala, por que ela coloca que sua avaliação é formativa, mas, quando questionada em qual momento ocorre seu processo avaliativo, ela coloca que ocorre no momento em que ela vai fechar as notas em seu diário, mas, em outro momento da entrevista, ela coloca que avalia a evolução dos seus alunos no decorrer do semestre ou do ano letivo, mostrando novamente que essa professora tem certa confusão com relação aos conceitos da avaliação.

“Eu utilizo uma avaliação formativa, por que eu procuro nas minhas avaliações ver um conjunto de coisas, não só o que ele sabe sobre aquele assunto, mas sim saber como ele esta vendo aquilo, se ele realmente está entendendo aquilo. E Eu procuro ver ali todos os dias e todas as aulas.” (Professora B).

“Formativa. Por conta da escola tem os momentos de prova, mas ai eu diminuo um pouco a pontuação, por que pra mim não é a parte mais importante. E eu avalio o tempo todo, avalio os alunos no todo.” (Professora E).

“Tenho uma avaliação formativa. E meu processo de avaliação acontece quando eu vou fechar as notas, porque antes do conselho de classe eu sento com cada aluno, eu gosto muito de fazer uma auto avaliação com eles, então eu passo essa atividade pro aluno escrever qual nota ele se daria no bimestre.” (Professora D).

Observando as falas das professoras, nota-se que as avaliações feitas pela maioria delas são realmente com um teor mais dialógico e formativo, porque elas fazem as suas avaliações no decorrer de todo o ano letivo. A Professora F ainda diz que ela avalia seus alunos desde o início do bimestre ou do ano letivo ao fazer a recapitulação de algum tema, buscando saber as concepções dos seus alunos acerca do tema, durante o processo escolar, quando os alunos estão discutindo, participando e colocando efetivamente suas concepções a respeito daquela temática e após esse processo de ensino, quando eles estão de alguma forma concretizando e construindo aquele aprendizado.

A Professora C cita que os alunos estão muito preocupados com as notas, o que reflete nas respostas de vários professores e na situação desses professores. De fato, é isso que acontece na rede de ensino: muitas vezes o aluno está mais preocupado com a nota do que o próprio professor. Vasconcellos (2000) diz que, em sua trajetória escolar, o aluno já aprende que o mais importante é a nota e é isso que ele deve perseguir para conseguir passar de ano ou de série, e não lhe ensinam a ter prazer por aprender. Se isso tiver que ser modificado por uma opção onde não se dê tanta importância à nota e sim ao aprendizado, essa ideia deve ser implementada desde as séries iniciais. As outras professoras, com exceção da Professora D, também mostram essa concepção de avaliar seus alunos em todos os momentos de vários aspectos diferentes mostrando que se preocupam não só com vencer o conteúdo, mas sim com o real aprendizado de seu aluno.

Hoffmann (2010) diz que, para uma avaliação ser de fato formativa, ela deve ser uma avaliação também mediadora, pois o professor deve interpretar e mediar aquilo que seus alunos dizem e conceituam todos os dias em suas aulas. Além disso, ela também deve ajudá-los a ir além, desafiá-los o tempo todo a ir adiante, mostrando as possibilidades que existem e ainda dando suporte pedagógico para avançar, pois a avaliação não tem a finalidade de descrever, justificar ou explicar aquilo que o aluno alcançou em termos de aprendizagem. Essas professoras mostram ter interesse no aprendizado de seus alunos e acreditam estar alcançando seus objetivos através da avaliação que está sendo utilizada por elas.

5.7. Quanto à utilização dos resultados da sua avaliação no seu planejamento

Quando as professoras foram questionadas quanto a utilização dos resultados da sua avaliação no seu planejamento, todas as professoras entrevistadas afirmam usar os resultados de sua avaliação para melhorar sua prática, revendo seu planejamento ou já o deixando em aberto para possíveis modificações, assim como para refletir sobre essa prática o que é um aspecto muito importante quando utilizamos da avaliação diagnóstica e dialógica, pois usa-se a avaliação como um meio para se alcançar um objetivo.

“Sim. Eu uso os resultados para refletir sobre a minha prática, e para repensar nos instrumentos avaliativos que foram utilizados.” (Professora A).

“Eu procuro sim, fazer algumas intervenções quando eu vejo que eles não estão indo bem.” (Professora B).

“Com certeza, a avaliação é para o aprendizado deles, se eles não estão conseguindo avançar não tem como a gente ficar empurrando conteúdo no aluno, sem ele conseguir aprender o conteúdo anterior.” (Professora C).

“Eu uso. Toda vez antes de passar de um bimestre para o outro, tanto é que meu planejamento nunca é o mesmo.” (Professora D).

“Então a gente tem que estar sempre voltando, quando eu recebo os resultados, dependendo do que eu estou recebendo eu volto no conteúdo, por que eu percebi que não foi aquilo que eu queria.” (Professora E).

“Sim, eu uso. Eu acho que mais do que você trabalhar e avaliar em sala de aula é você saber utilizar o que a avaliação traz como resultado, por que a avaliação deve ser usada para aperfeiçoar o trabalho docente e também a aprendizagem do estudante.” (Professora F).

Em suas falas, percebe-se que as professoras realmente buscam inovar as suas práticas. A Professora C diz ainda que ela procura alterar o seu processo de avaliação até por uma questão de turmas, na qual cada turma aprende de uma maneira diferente. Fazer essa mudança é de extrema importância, pois, como citado pelas professoras, não se pode voltar ou passar por cima de um conteúdo vendo que seus alunos estão com dificuldades, Vasconcellos (2000) diz que é preciso buscar novas alternativas, pois o que não é aceitável e que o professor detecte o problema e não faça nada para alterá-lo.

A Professora E diz que, para se fazer uma avaliação formativa, é preciso avaliar o aluno, retomar o conteúdo de uma forma diferente e avaliar-se, porque, às vezes, o erro é do professor e não do aluno e, novamente, a Professora F mostra o domínio do conceito quando

ela diz que a avaliação deve ser usada para aperfeiçoar e modificar o trabalho do professor. O mesmo ocorre com a Professora A, que diz que a avaliação deve ser usada para se refletir sobre a sua prática, como citado no referencial teórico. Freire (1989) defende que não é possível praticar sem que se avalie sua própria prática, avaliar a sua prática é investigar e analisar o que se faz, comparando os resultados obtidos com os objetivos que busca se alcançar. A avaliação é feita para se refletir sobre a prática para que assim o docente possa corrigí-la ou alterá-la.

5.8. Quanto aos recursos didáticos utilizados em seu processo de avaliação

As professoras utilizam de diversos recursos didáticos para fazerem suas avaliações. Isso mostra que realmente elas fazem uma avaliação mais dialógica, avaliando seus alunos de formas diferenciadas e buscando alternativas para solucionar os problemas da avaliação. Na tabela 2 se mostram os recursos que são utilizados pelos professores em suas práticas avaliativas.

Recurso	Professores que utilizam	Recursos	Professores que utilizam
<i>Apresentações de cartazes e paródias</i>	Professora A	<i>Mapa Conceitual</i>	Professoras D e E
<i>Avaliação Escrita</i>	Professoras B, D, E e F	<i>Modelos</i>	Professora E
<i>Debates</i>	Professora F	<i>Observação e Participação dos alunos</i>	Professoras B e F
<i>Diálogos</i>	Professoras B e F	<i>Quadro (Lousa Branca)</i>	Professora D
<i>Estudos dirigidos e Exercícios</i>	Professoras B, C e E	<i>Relatórios ou Relatos de aula</i>	Professoras A e B
<i>Experimentos</i>	Professora E	<i>Textos</i>	Professora A
<i>Imagens</i>	Professoras E e D	<i>Trabalhos Individuais</i>	Professoras B e F
<i>Jogos avaliativos</i>	Professoras C e E	<i>Trabalhos em Grupo</i>	Professoras B, C, E e F
<i>Material 3D</i>	Professora E	<i>Vídeos</i>	Professoras B e D

(Tabela 2: Recursos utilizados pelos professores)

Como mostrado na tabela acima, as professoras utilizam de variados recursos didáticos, do mais simples, que seria o diálogo, aos mais sofisticados, como material 3D. A Professora B cita ainda que, em sua instituição de trabalho, possui a chamada prova global, mas os professores possuem a alternativa de realizá-la ou não – e isso mostra que, em algumas instituições, os professores já possuem total autonomia quanto ao seu modo de avaliação e, com isso, entra as diversas formas e instrumentos que podem ser usados para essa avaliação.

A Professora E, em sua fala, diz que utiliza de muitos modelos que são construídos pelos próprios alunos. Com isso, a professora avalia não só o aprendizado do aluno com o material em mãos, mas também a construção desse material, fazendo assim com que esse momento seja além de uma avaliação um momento de aprendizado, como se mostra em algumas falas a baixo.

“Eu uso bastante modelos, mas construídos por eles, por que também é uma forma de avaliação, que aí eu vejo se eles estão compreendendo, por que Ciência por mais que tenha coisas do nosso dia a dia ela é muito abstrata e o modelo é importante.” (Professora E).

“O próprio feedback dos alunos, eu gosto muito de trabalhar com aquele retorno deles no final, então sempre pergunto o que eles mais gostaram e o que pode ser melhorado.” (Professora F).

“Eu procuro variar por que avaliar sempre do mesma forma é chato né, tanto pra eles quanto pra mim.” (Professora B).

Utilizar de recursos limitados e avaliar sempre da mesma maneira é maçante, assim como disse a Professora B. Atualmente há uma diversidade tão grande de recursos que podem ser utilizados para ajudar no ensino aprendizagem dos alunos, bem como no próprio ato de avaliar. Como diz Vasconcellos (2000), um dos instrumentos mais simples que podem ser colocados de forma dinâmica em sala de aula é o próprio diálogo, buscando fazer uma aula expositiva dialogada, mas existem vários outros como citados pelas professoras entrevistadas que mostram ao professor o nível de elaboração de seu aluno. Ele diz ainda que coisas básicas como pedir ao aluno que diga o que é tal coisa com suas próprias palavras ajuda a tornar aquele conceito significativo para o aluno, assim como o trabalho em grupo auxilia o professor em sala de aula, porque um aluno passa a ajudar o outro colega, fazendo que com que assim o professor não seja o único educador em sala, pois os próprios alunos desempenham esse papel. Então, assim, percebe-se a importância dos recursos para o processo de avaliação do professor.

5.9. Quanto às dificuldades encontradas no ato de avaliar

Quando perguntado às professoras quais as dificuldades encontradas por elas no ato de avaliar, foram citadas diversas coisas, sendo elas de espaço físico e estrutura da própria instituição e questões como conteúdo ou dúvidas da parte das professoras quanto a como avaliar seus alunos. Ainda a citação de que, na graduação, não houve uma instrução mais detalhada de como ocorre o processo de avaliação em uma instituição de ensino.

As Professoras A e D dizem que um dos maiores problemas é a superlotação de salas e grande quantidade de turmas que elas precisam atender. Tendo mais de seis turmas cada professor e cada turma tendo em torno de quarenta alunos, isso dificulta o processo de aprendizagem.

“Muitas turmas, às vezes eu queria fazer um teste oral, por que eu via que eles se desenvolviam melhor, mas aí o trabalho era bem mais complicado.” (Professora A).

“A questão da sala sempre lotada, aqui na escola quando sai um aluno entra dois, nunca você vai ter uma sala tranquila de trabalhar, sempre cheia.” (Professora D).

Pode-se notar pelas falas das professoras que a superlotação de salas e a quantidade de alunos presentes em cada sala realmente dificultam a avaliação dialógica, pois com um número tão grande de alunos é melhor se fazer provas escritas. Mas este fato não é um impedimento para aulas mais dialógicas, podendo até ser mais fácil se trabalhar dialogicamente, utilizando de grupos de trabalho e até grupos de estudo, assim como diálogos e debates que fazem uma interação com toda a turma.

A Professora D diz ainda que são poucas as aulas de Ciências se comparadas à quantidade de conteúdo que os professores devem passar. Ela relata ainda que o professor até vence o conteúdo se ele for passado de forma monótona e sem se importar com o real aprendizado do aluno. Mas, para se ter uma aula na qual se faça uma ligação com o cotidiano do aluno, aí não é possível, pois os alunos só possuem três aulas de Ciência por semana e com isso não se tem tempo suficiente. A professora diz que gostaria de dar a aula que o curso de Ciências Naturais a formou para dar, uma aula interdisciplinar e com exemplos e demonstrações contínuas, mas, com o pouco tempo que ela possui, não consegue abranger todas essas didáticas diferenciadas.

As Professoras B e E citam que uma das dificuldades encontradas por elas é qual conteúdo é mais importante para se ensinar, pois, como citado pela professora acima, é muito conteúdo para tão pouco tempo e o professor acaba tendo que escolher aquilo que é mais importante para se passar para seu aluno.

“A minha primeira dificuldade é saber o que realmente importante que eles saibam, e escolher o que realmente é importante para eu avaliar.” (Professora E).

A Professora B cita ainda uma dificuldade que deve ser constante aos professores, que é o como fazer.

“O como fazer, acredito que esse é o maior desafio que eu tenho, e no final do como eu ainda vou ter que pontuar aquilo.” (Professora B).

Na fala da Professora B, ela ainda diz que a avaliação é uma das coisas mais desagradáveis que ela tem que fazer, pois atualmente o ensino é muito pautado em uma avaliação tradicional e ela se diz contra essa política de notas, mas reafirma que sua maior dificuldade é o como avaliar.

Isso acontece muito entre os professores, e como foi citado em um dos tópicos acima, de acordo com a Reforma do Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais – Diurno (2013), o Curso de Ciências não possui uma disciplina que seja obrigatória e que fale somente e especificamente do conteúdo de avaliação da aprendizagem. Nesse sentido, a avaliação está sim inserida em outra disciplina, mas o tempo que é ofertado para esse conteúdo é muito pouco para um assunto que tem tanta importância e que traz tantas dúvidas para os docentes.

As Professoras C e B relatam também que os alunos são muito ligados à questão das notas, eles mesmos tiram a importância da aprendizagem e colocam a importância toda na nota.

“Eu acho que os alunos às vezes eles prezam muito por essa questão da nota.”
(Professora C).

“Os alunos falam, ah você me deu tal nota, e eu sempre falo pra eles, que a nota não é tudo, na verdade ela não é nada.” (Professora B),

Os alunos realmente estão mais interessados nas notas e, muitas das vezes, colocam no professor a culpa pela nota adquirida por ele, mostrando mais uma vez que, como diz Vasconcellos (1998), em uma avaliação classificatória, sempre se busca por um culpado sendo, para o professor, o aluno que não se empenhou o suficiente, e para, o aluno o professor. Normalmente esse culpado é sempre o aluno, pois, nesse parâmetro, a avaliação é vista como uma questão de quem tem mais poder, o que, neste caso, é sempre o professor. O culpado, por sua vez, deve sofrer as consequências por não ter conseguido nota o suficiente. Essa consequência, geralmente, é a reprovação. Já em uma avaliação transformadora, buscase a necessidade de superar os problemas da aprendizagem, estejam eles onde estiverem nos diferentes níveis de complexidade e abrangência.

Ainda sobre a necessidade sentida pelos alunos em relação às notas, como já citado no texto, Vasconcellos (2000) diz que o aluno só se importa com a nota por que ele foi ensinado que é pela nota que ele avança de série. Para isso ser mudado, é necessário que o prazer pelo

aprender seja implementado nas séries iniciais, ensinando desde cedo aos alunos que o aprendizado é o mais importante e o mais relevante da escola.

A Professora E faz uma colocação que é de grande importância para os educadores que buscam não só uma avaliação inovadora, mas também uma didática inovadora. Para ajudar seus alunos a construir suas concepções de uma forma mais dinâmica e de fácil entendimento, ela diz que uma das dificuldades encontradas por ela é que os alunos e os outros professores da mesma instituição de ensino não acreditam que as formas diversificadas de avaliação sejam sérias, eles acreditam que não passam de brincadeiras.

“Uma das principais dificuldades é que os alunos não compreendam que aquilo que eu estou fazendo é uma avaliação, agora que estamos um pouquinho depois do meio do ano, eles já estão um pouco mais acostumados comigo, eles já entendem que aquilo é uma avaliação, mas inicialmente para eles era uma brincadeira. E os meus colegas professores também acham que eu não avalio meus alunos.” (Professora E).

Esse é um dos desafios enfrentados pelos professores ao escolherem modalidades diferentes de ensino, assim como utilizar de vários recursos para se fazer a avaliação. As inovações não são bem vistas em uma sociedade tradicional e, como citado no referencial teórico, Hoffmann (2005) diz que, para a população, os professores inovadores, ou de escolas inovadoras, tendem a ser menos exigentes do que os professores tradicionalistas, fazendo assim com que os outros professores, os alunos e a sociedade em geral acreditem que avaliações e métodos inovadores não são válidos ou sérios. Isso, todavia, não é correto, pois a Professora E é inovadora e diz que seus alunos vão super bem em suas avaliações, não por que são mais fáceis, mas sim por que eles possuem uma assimilação melhor do conteúdo da forma que é passado por essa professora e até porque tendo avaliações diferenciadas os alunos passam a não sentir medo, e fazem suas avaliações como uma parte de seu aprendizado.

Já a Professora F diz que a maior dificuldade encontrada por ela é a de organizar essa avaliação.

“Acho que pelo fato de ter, dispor de vários recursos e meios de conseguir a avaliação, talvez eu tenha dificuldade ao final de organizar essa avaliação, e de torna-la “igualitária” em meu trabalho como um todo.” (Professora F).

A dificuldade citada pela Professora F, de fato, ocorre com muitos docentes, pois há vários recursos que podem ser utilizados e muitos professores usam dessa variação, mas não

conseguem utilizar desses resultados da melhor forma possível, acabando que vira somente uma soma de várias atividades fragmentadas. O professor deve ter consciência daquilo que deseja, sendo por isso que o planejamento é tão importante para a avaliação. A Professora F diz ainda que é compreensivo que os professores deem provas, pois é mais fácil se ter uma avaliação somativa porque todo mundo já sabe que esse tipo de avaliação é pautada em prova e, ao final, ele vai ter um resultado numérico e ponto. Destacando ainda mais a dificuldade em organizar a avaliação.

“Eu acho que o que é mais difícil é ter essa variedade, utilizar dessa variedade e como organizar essa variedade depois, tirando resultados de modo que eles sejam resultados que sirvam para reorganizar o ato pedagógico e atingir os objetivos de forma igualitária com todas as turmas.” (Professora F).

Nas falas analisadas, na percepção da realidade e na reflexão encontrada na literatura da área é possível perceber que muitos avanços foram alcançados na pesquisa, mas que a visão de avaliação punitiva há de ser superada por uma que esteja no caminho de uma avaliação formativa e dialógica, proporcionando um real aprendizado dos estudantes.

Os discursos das professoras mostraram uma pequena imagem da realidade que tende a ser reproduzida de modo geral. As falas por mais estejam carregadas de elementos transformadores nem sempre seguem na prática, essa orientação. É uma luta constante.

6. Considerações finais

Após analisar as falas das professoras entrevistadas, é possível perceber que elas são de fato educadoras que se preocupam com o desenvolvimento do aluno e principalmente, seu aprendizado. Apesar de afirmar a existência da nota, não se pautam totalmente sobre ela para avaliar seus alunos. É perceptível pelas falas dessas professoras que elas buscam ser inovadoras através da utilização de vários recursos e, mesmo com suas dificuldades, buscam superar a lógica tradicionalista, buscando aos poucos começar a instituir uma avaliação dialógica e transformadora, buscando, através disso, formar um aluno não só nos méritos de conteúdos, mas também um sujeito crítico e autônomo que, através da avaliação e da aprendizagem, é capaz de construir seu próprio conhecimento e suas concepções de vida.

Nas falas, ficou visível o discurso de que a avaliação tem como principal finalidade ajudar a instituição de ensino a ter seu caráter transformador, para que, com isso, forme alunos que se desenvolvam e aprendam levando em consideração uma sociedade mais solidária, igualitária e ainda equitativa, sendo capaz de transformar essa relação de poder existente dentro da avaliação para redirecioná-la, tornando uma sociedade excludente em democrática, tendo o trabalho com o conhecimento como principal mediação para se alcançar essa meta. E mais ainda: a avaliação tem como pressuposto orientar o professor sobre qual caminho escolher para ensinar melhor e de que maneira os alunos aprendem melhor, pois a avaliação desejada é que aquela que foi feita para ajudar o professor a ensinar seus alunos de forma que eles tenham de fato um aprendizado significativo. (Vasconcellos, 1998).

Os professores carregam muitas dificuldades para exercer sua profissão e essa dificuldade só aumenta quando se discute avaliação. São questões como a quantidade de conteúdos, a pouca quantidade de aulas, a quantidade exagerada de alunos em cada sala assim com o número elevado de turmas para cada professor. Esta é uma questão que deve ser estudada e melhorada. Os professores sentem falta de um suporte, de algo que lhes deem liberdade para atuarem da melhor maneira possível em sala de aula. E o como fazer tem se mostrado um dos maiores problemas entre os professores, o como avaliar, pois, continua sendo um dos grandes desafios, visto que os professores, em sua maioria, fazem uma avaliação diferenciada por que replicam as avaliações que eles viveram durante a graduação.

Ao conhecer o âmbito escolar desses professores, é perceptível que as dificuldades citadas por eles têm sua veracidade, pois as salas são superlotadas. Há muitas turmas para

cada professor e há muito conteúdo a ser dado em um período de tempo muito curto. Isso dificulta que esses professores sejam de fato transformadores, pois não é possível com tão pouco tempo e com tantos alunos, conhecer todos eles, de forma que o professor saiba qual a melhor forma de aprendizado de cada aluno, com qual instrumento certo aluno aprende melhor. Isso é uma realidade na carreira docente. Como o professor fará uma avaliação dialógica se ele tem como meta dada pela instituição de ensino vencer o conteúdo, como ser crítico e transformador se houver seis ou sete turmas com quarenta alunos cada? As dificuldades citadas pelos professores fazem certo sentido quando se vê a sua realidade.

Este trabalho buscou mostrar as concepções de professores de Ciências Naturais sobre a avaliação da aprendizagem. Por serem novos de formação, mostraram ter uma formação mais abrangente, voltada para o aprendizado do aluno. Relatos apontaram que se sente falta, na graduação em Licenciatura em Ciências Naturais, de uma disciplina obrigatória que seja voltada para a avaliação da aprendizagem, com temática central, não apenas mais um tópico interno a ser discutido. Em uma das falas, uma professora diz que é necessário se pensar um pouco mais a respeito, pois a avaliação traz uma temática muito importante e seria essencial que se ensine sobre ela durante a graduação de uma forma mais efetiva.

“Eu acho que é um tema legal pra estar inserido dentro da parte pedagógica do curso, seja ele qual for, acho que não se restringe só ao curso de Ciências, mas ao curso de licenciatura de uma forma geral, por que quando você chega recém formado em um ambiente de trabalho, existem algumas questões que elas passam tão despercebidas ao longo da graduação e você é meio que obrigado a se interar daquilo, as vezes de uma hora pra outra, e se apoderar daquilo e entender como aquilo funciona e como você deve aplicar.”
(Professora F).

Esta fala é colocada aqui para que realmente seja feita uma reflexão quanto ao ensino de avaliação dentro da Universidade, pois os alunos que são formados em Ciências Naturais sentem a falta desse subsídio. Sabe-se se muito pouco de avaliação durante a graduação e a disciplina existente, além de não ser obrigatória, ainda não é bem divulgada, então muitos alunos não sabem da sua existência. E é uma temática com uma importância tão grande, pois a avaliação como citada ao longo de todo texto serve para auxiliar o professor em sua prática docente, fazendo com que através da avaliação o professor possa refletir sobre a sua prática e modificá-la se assim for necessário.

Na literatura e na fala dos professores, nota-se que eles carregam uma concepção de educação “em caixinhas”, fragmentada. Seriam vários tipos de avaliação da aprendizagem. Porém, é necessário dizer que a avaliação pode ser vista, basicamente, em apenas dois tipos, sendo um deles é aquele que temos, mas buscamos superar, ou seja, a avaliação punitiva, classificatória e que possui uma significância muito parecida com o conceito de medida. Em contraposição, existe a concepção que é a tão pretendida e sonhada avaliação, onde há um processo de transformação do aluno em um sujeito crítico que busca seu próprio conhecimento e que é capaz de construir esse conhecimento através de suas próprias ideias e da mediação do docente; uma avaliação baseada no diálogo e na interação entre aluno e professor, uma avaliação dialógica.

Essa pesquisa teve como objetivo verificar as concepções de professores de Ciências quanto à avaliação da aprendizagem e verificar se os professores, por mais que tenham dificuldades, se esforçam para ser críticos e para fazer da avaliação um momento que não assombre a vida dos alunos, trazendo-os a pensar que se mais professores tiverem essa visão, logo superaremos a lógica punitiva e alcançaremos uma avaliação democrática, formativa e dialógica. Tal mudança faria com que um momento de conversação entre alunos e professores fosse um processo avaliativo, sem trazer o medo, para que assim possamos superar a lógica do absurdo da avaliação atual.

Ao fim desse estudo a pesquisadora chegou à conclusão de que a avaliação da aprendizagem na perspectiva dialógica é um processo pelo qual os alunos devem se tornar agentes transformadores, concordando com Freire (1979b), quando este afirma que qualquer ato educativo deve possuir a finalidade de produzir conhecimentos e que aumente a consciência e a capacidade de iniciativa de transformação de um grupo.

Avaliação, portanto, deve ser sim, um processo de transformação e descoberta e que tenha como objetivo oferecer aos alunos mais um momento de aprendizagem e mais uma forma de conquista de autonomia para que saibam que a avaliação não é para assustá-los ou forçá-los a estudar ou um momento no qual o aluno deve saber todas as respostas. Muito pelo contrário. A avaliação deve vir como um suporte que ensina através do erro a construir o próprio conhecimento, fazendo com que assim essa nova ideia ou essa nova descoberta seja significativa para ele, avançando-se assim para uma perspectiva dialógica de avaliação na educação.

7. Referências:

- ANDRÉ, Marli E.D.A. e LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação - abordagens qualitativas**. São Paulo EPU, 1986.
- ANTUNES, Celso. **A avaliação da aprendizagem escolar: fascículo 11**. Petropolis, RJ: Vozes, 2008.
- ERICONE, Délcia e GRILLO, Marlene. **Avaliação: uma discussão em aberto**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979b.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1987.
- GOOGLE IMAGENS. **Charges sobre avaliação escolar**. Disponível em: <https://www.google.com.br/charges+de+avaliação>. Acessado em 15 de Outubro de 2016.
- HOFFMANN, Jussara Maria L. **Avaliação Mediadora: Uma prática em construção da pré-escola a universidade**. Porto Alegre: Mediadora. 2005.
- HOFFMANN, Jussara Maria L. **Avaliação Mito e Desafio: uma perspectiva construtivista**. 30ª edição. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- HOFFMANN, Jussara Maria L. **Avaliar: respeitar primeiro educar depois**. 2ª Edição. Porto Alegre: Mediação, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. Coleção Magistério 2º Grau. Série formação de professores. Cortez Editora. São Paulo, 1997.

MELO, A.L. et al. **Reforma do Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais – Diurno**. Universidade de Brasília. Faculdade UnB de Planaltina, Janeiro 2013.

NETO, A.L.G.C. e AQUINO, J. de L.F. **Avaliação da aprendizagem como um ato amoroso: O que o professor pratica?**. Educação em Revista, v 15, n 2, p. 223-240, Belo Horizonte, agosto de 2009.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características**. Travessia: educação, cultura, linguagem e arte. *Unioeste*, Paraná, Ed. 04. ISSN 1982- 5935. Disponível em: www.unioeste.br/Travessias. Acesso em: 04 de Out. 2015.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas**. 9º Edição. São Paulo: Cortez, 2011.

SANTOS, C. R. et. al. **Avaliação Educacional: um olhar reflexivo sobre sua prática**. São Paulo: Editora Avercamp, 2005.

SAUL, Ana Maria. **Referenciais Freireanos para a prática da avaliação**. Revista de Educação PUC-Campinas, Campinas, 25, p. 19-24, 2008.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação: Concepção Dialética-Libertadora do Processo de Avaliação Escolar**. 17ª Edição. Cadernos Pedagógicos da Libertad, v.3. São Paulo: Libertad 2007.

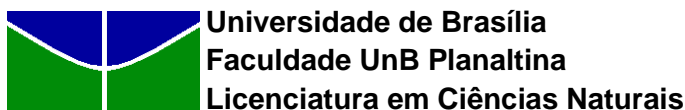
VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação – Concepção Dialética-Libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad. 1998a.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Intencionalidade: palavra-chave da avaliação.** Entrevista – Nova Escola. Ed.138, Dezembro 2000. Disponível em http://revistaescola.abril.com.br/ed_anteriores/0138.shtml. Acessado em 20 de Outubro de 2016.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Superação da Lógica Classificatória e Excludente da Avaliação – do “é proibido reprovar” ao é preciso garantir a aprendizagem.** São Paulo: Libertad. 1998b.

Anexos

Anexo – 1



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa: *“Avaliação da Aprendizagem em Ciências”* desenvolvida pela aluna Yngrid dos Santos Ribeiro¹ sob orientação da professora Rosylane Doris de Vasconcelos² que deverá ser apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II do curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina (FUP/UnB).

Esta pesquisa tem como objetivo estudar os discursos dos professores de Ciências de escolas de Planaltina, sobre a avaliação da aprendizagem, buscando saber quais são os tipos de avaliações utilizadas por esses professores e quais concepções fundamentam esses discursos. Para a coleta de dados será feita uma entrevista com roteiro semiestruturado com o professor de Ciências participante da pesquisa.

É importante ressaltar que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam identificá-lo (a). Sua participação é de caráter voluntário e em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma.

Assim, tendo compreendido a natureza e o objetivo do estudo, a proposta e os procedimentos envolvidos, e tendo havido tempo suficiente para pensar a respeito da autorização de participação na pesquisa, solicito o seu consentimento, livre e espontâneo, expressando seu interesse e autorização.

Eu, _____, aceito participar da pesquisa e assino de livre e espontânea vontade este termo de consentimento.

Brasília, ____ de _____ de 2016.

Assinatura do Participante

Obrigada pela sua participação e Colaboração no nosso projeto de pesquisa!

¹Aluna pesquisadora Yngrid dos Santos Ribeiro

E-mail: yngridsribeiro@gmail.com

Tel.: (61) 993558188

²Profª Orientadora: Rosylane Doris de Vasconcelos

E-mail: rosyunb@gmail.

Apêndices

Apêndice - 1



Universidade de Brasília
Faculdade UnB Planaltina
Licenciatura em Ciências Naturais

Roteiro de Entrevista

1. Nome do participante:
2. Sexo: Feminino () Masculino ()
3. Qual é a sua área de formação?
4. Há quanto tempo você leciona em Ciências?
5. E mesmo tempo que você leciona em educação? (Se já começou em ciências.)
6. Qual é a sua concepção sobre educação?
7. Qual é a sua concepção sobre avaliação da aprendizagem?
8. Qual a orientação da escola ou do PPP sobre a prática da avaliação?
9. De acordo com muitos estudiosos existem diferentes tipos de avaliação, você as conhece?
10. Tendo em vista os diferentes tipos de avaliação que você conhece, qual delas você utiliza na sua prática docente?
11. Em que momento da sua prática pedagógica acontece seu processo de avaliação?
12. Os resultados da avaliação são utilizados no seu planejamento? (O que você faz com sua nota depois, se ela faz algo para mudar a nota desse aluno).
13. Quais recursos didáticos você utiliza para fazer sua avaliação?
14. Quais são as dificuldades encontradas por você no ato de avaliar? (seja elas de infraestrutura da escola ou até mesmo de apoio da instituição de ensino)

Obrigada pela sua participação!